

**ANA  
MIRANDA**

**ANGELA-  
LAGO**

**FRANZ  
KAFKA –  
MODESTO  
CARONE**  
Tradutor

**HELOISA  
PRIETO**  
Organizadora

**HELOISA  
SEIXAS**

**OVÍDIO –  
MARCOS  
MARTINHO**  
Tradutor

**RICARDO  
AZEVEDO**

**SÉRGIO KON**  
Ilustrador

# **METAMORFOSES**

ANTOLOGIA DE CONTOS



---

Copyright do texto © 2010 by Os Autores  
Copyright das ilustrações © 2010 by Sérgio Kon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

João Baptista da Costa Aguiar

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Marise Leal

Veridiana Maenaka

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Metamorfoses : antologia de contos / Heloisa Prieto, organizadora ; Sérgio Kon, ilustrador. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Vários autores  
ISBN 978-85-359-1711-6

1. Contos brasileiros — Coletâneas I. Seixas, Heloisa. II. Kon, Sérgio.

10-06489

CDD-869.9308

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira 869.9308

---

2010

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## SUMÁRIO

Apresentação — Metamorfose ambulante, 7

HELOISA PRIETO

A metamorfose de Licáon, II

OVÍDIO

Tradução e notas: MARCOS MARTINHO

Menina-Japinim, 19

ANA MIRANDA

Terra bruta, 29

RICARDO AZEVEDO

Encontro, 41

HELOISA SEIXAS

A casca, 53

ANGELA-LAGO

A metamorfose — Capítulo I, 59

FRANZ KAFKA

Tradução: MODESTO CARONE

Sobre os autores, os tradutores, a organizadora  
e o ilustrador, 85

Apresentação  
METAMORFOSE AMBULANTE  
Heloisa Prieto

Esta antologia nasceu de um jogo literário: os autores foram convidados a ler os dois grandes clássicos sobre o tema da metamorfose.

Primeiramente, um trecho, belo e sombrio, das *Metamorfoses* de Ovídio, obra escrita numa época em que a narrativa se reportava a um tempo e espaço mágico, nos quais cada ser continha a possibilidade secreta da transmutação. Humanos poderiam tornar-se criaturas da natureza, ou mesmo seres fantásticos, como se a transformação permanecesse latente, aguardando o momento de tomar a frente e permitir a ação de sua essência mais oculta.

Depois, o primeiro capítulo da *Metamorfose*, de Kafka, considerada por muitos a metáfora mais perfeita da condição do homem contemporâneo. Irônico, contundente, o texto nos desafia a pensar onde estaria o mágico, o misterioso, o invisível na sociedade moderna. Há como sobrepujar as mazelas da vida corriqueira, vazia de significados?

Como numa roda de histórias virtual, cada autor nos contemplou com contos que refletem seus diferentes universos pessoais, ora mais próximos de um diálogo com a literatura clássica, ora mais próximos de um diálogo com os textos da modernidade.

Recebemos narrativas de humor, sobretudo humor negro, quando se imagina o destino de alguém que, inexplicavelmente, optou por afundar cada vez mais no próprio abismo. Ou ainda quando se pensa na solidão de viúvas mineiras e sua paixão por gatos vira-latas, tão simpáticos e aparentemente inocentes.

Há também duas belas homenagens: uma, à tradição indígena brasileira, por meio de uma narrativa mágica, de encanto primordial, e o relato de um encontro revelador com nosso querido ídolo pop Raul Seixas, aquele “ser mítico” de versos inesquecíveis: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”.

Agora se oferece ao leitor a possibilidade de troca com todas essas vozes diversas, para que, a cada texto, sua sensibilidade seja ampliada pelas metamorfoses sutis que só a leitura pode propiciar.

# A METAMORFOSE DE LICÁON

Ovídio



“Canto I”, v. 163-261<sup>1</sup>

Quando os deuses supremos se sentaram  
no marmóreo recinto,<sup>2</sup>  
no excelso trono, Júpiter, o próprio,  
firme no cetro ebúrneo,  
três vezes, quatro vezes, sacudiu  
do crânio a cabeleira  
aterradora, com a qual moveu  
a terra, o mar, os astros;  
a bocarra indignada então abriu  
e falou deste modo:

1 A tradução foi feita com base no texto latino estabelecido por Georges Lafaye (Paris: Les Belles Lettres, 1928). Os versos do original (hexâmetros dactílicos) foram traduzidos em dísticos compostos de um decassílabo (heroico ou sáfico) e um hexassílabo, de modo que o decassílabo e o hexassílabo correspondessem, respectivamente, ao primeiro e ao segundo hemistíquio do verso latino.

As *Metamorfoses* são uma coleção de 282 mitos de metamorfose, distribuídos entre quinze cantos, que somam 11 195 versos.

2 “Marmóreo recinto” refere-se à mansão dos deuses, situada no alto do monte Olimpo, na região grega da Tessália, que Ovídio compara à mansão de Augusto, situada no alto do monte Palácio, na quarta região de Roma (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 168-176). Pois, assim como lá Júpiter ocupa o trono entre os deuses, assim também aqui Augusto é o primeiro entre os homens (idem, *ibidem*, I, 199-208).



“Pelo reino do mundo não sofri  
eu tanto assim naqueles  
tempos em que os anguípedes<sup>3</sup> tratavam  
de, sobre o céu cativo,  
lançar uma centena — nada menos! —  
de braços cada qual.  
Pois, por feroz que fosse esse inimigo,  
todavia de um corpo  
único dependia, e de uma origem  
única, aquela guerra.  
Agora, no orbe inteiro, onde Nereu  
ressoa em derredor,<sup>4</sup>  
é pra arruinar a raça dos mortais.  
Pelos regatos juro  
infernais, que deslizam sob a terra  
por entre o bosque estígio:<sup>5</sup>  
de tudo previamente se tentou;

3 “Anguípedes” refere-se aos gigantes, que empilharam o monte Pêlio e o Ossa, vizinhos do Olimpo, a fim de escalá-los e, daí, tentar alcançar e, ademais, tomar a morada dos deuses, de onde veio a guerra entre estes e aqueles (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 151-162), a que Ovídio alude logo a seguir.

4 Nereu é deus marinho (Ovídio, *Metamorfoses*, II, 268-269; xii, 24-25, 93-94). O verbo latino *circumsonat* (“ressoa em derredor”) refere-se, por um lado, à ressonância das ondas do mar e, por outro, à crença segundo a qual o mar, ou melhor, o deus Oceano seria um rio que circunda as terras (Homero, *Iliada*, XIV, 200-201; Hesíodo, *Teogonia*, 776).

5 “Estígio” refere-se ao Éstige, rio sagrado que corre sob a terra, e em nome do qual os deuses prestam juramento (Hesíodo, *Teogonia*, 775-806).

mas a chaga, incurável,  
é pra extirpar coa espada, pra que não  
constranja a parte intacta.  
A mim cabem-me estoutros: semideuses,  
numes campestres, ninfas  
e sátiros e faunos e também  
os silvanos montícolas,  
os quais, já que, do céu coa dignidade,  
ainda não honramos,  
as terras, quando menos, que lhes demos,  
consintamos que habitem.  
Ou credes que esses estarão assaz  
(ó supremos) seguros,  
quando a mim, que do raio, que de vós  
sou detentor, sou rei,  
Licáon,<sup>6</sup> conhecido por ser fero,  
ousou tramar insídias?”.

Fremiram todos e, ânímos a arder,  
o que teria ousado  
isso, reclamam e, depois que Júpiter,  
com sua voz e mão,  
reprimiu o murmúrio, todos juntos  
mantiveram silêncio.  
Mal se susteve a bulha, reprimida  
pelo peso do rei,  
o silêncio rompeu, de novo, Júpiter  
co seguinte discurso:

<sup>6</sup> Licáon, como se diz mais abaixo, é tirano da região grega da Arcádia.

“Ele já suas penas — afastai  
tais cuidados! — saldou;  
qual, porém, o delito ensinarei,  
e qual foi o castigo.  
Ora, a má fama deste tempo os nossos  
ouvidos alcançara;  
esperançoso de que fosse falsa,  
do alto desço do Olimpo  
e, bem que deus, as terras sob humana  
imagem eu percorro.  
Quanto de criminoso, onde o encontrei,  
muito longo seria  
enumerar — ainda era pior  
que a verdade a má fama! —.  
Já transpusera o Mênalo, horroroso  
pelas tocas das feras,  
e, co monte Cilene, os pinheirais  
do gélido Liceio;<sup>7</sup>  
daí, na residência e teto inóspito  
ingresso do tirano  
árcade, quando a noite já traziam  
crepúsculos tardios.  
Sinais eu dei de que chegara um deus,  
e o vulgo a fazer preces  
começara; Licáon escarnece  
os votos piedosos  
e diz: ‘Vou pô-lo à prova, a ver se é deus,

7 Mênalo, Cilene e Liceio são montes da região grega da Arcádia. Sobre o monte Liceio, em particular, havia um templo de Júpiter (Tucídides, v, 16).

com clara distinção,  
ou se é mortal, e de uma tal verdade  
ninguém duvidará’.  
Prepara-me a ruína, pra eu morrer  
sob o peso do sono  
de súbito — essa, a prova da verdade  
que a Licáon apraz! —.  
Não contente com isso, ainda abriu,  
coa lâmina, a goela  
de um dos reféns da gente da Molóssia,<sup>8</sup>  
que lhe fora enviado,  
e daí, semimortos, os seus membros  
em parte amoleceu  
na água fervente, em parte sobre o fogo  
soto-posto torrou.  
Tão logo pôs tais carnes sobre a mesa,  
eu castigo-o com a chama:  
sobre o dono e os penates<sup>9</sup> dignos dele  
o teto derrubei;  
ele, aterrado, foge e, deparado  
o silêncio do campo,  
ulula e, em vão, esforça-se em falar;  
de dentro dele próprio  
a boca extrai a raiva, e, com desejo  
de morte costumeiro,  
é convertido em besta e, ainda agora,  
regala-se com sangue.

8 Molóssia é parte da região grega de Epiro.

9 Os penates, assim como Lar, são os deuses dos ancestrais, os deuses da família (Plauto, *Mercador*, 834).

Vão-se em pelos as vestes; vão-se em patas  
os braços de Licáon;  
faz-se lobo, e da sua velha forma  
só vestígios conserva:  
do vulto, o mesmo pelo agrisalhado;  
é a mesma a violência;  
os mesmos são os olhos que reluzem,  
a imagem de feroz”.

(Tradução e notas: Marcos Martinho)